

Este pequeno texto foi escrito para compor parte da base teórica de fundamentação da reforma curricular do curso de educação física do CEFD-UFSM, cujo processo foi implodido pelos “mestres” de sempre.

---

## FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E FILOSÓFICOS

O novo projeto político pedagógico do curso de educação física fundamenta-se num conjunto de conhecimentos científicos, de competências técnicas, de práticas pedagógicas e num processo contínuo de reflexão filosófica como base para a formação de professores de Educação Física.

### 1. Conhecimentos científicos

Os estudos dos fundamentos científicos devem levar em consideração os processos de produção do conhecimento como criações vinculadas às diferentes fases do progresso da humanidade. Neste sentido nada mais esclarecedor que as seguintes palavras Francisco Varela: “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão dessa estrutura imaginária” (Conhecer p. 9)

Diante disto fica claro que a cientificidade de cada época se estrutura como um paradigma que, no dizer de Thomas Kuhn, precisa ser modificado assim que sua capacidade de explicar os fenômenos se esgota.

Fritjof Capra, por sua vez, em sua obra o Ponto de Mutação (p. 9-10) , nos mostra que os novos conceitos da física provocaram uma profunda mudança em nossa visão de mundo, passou-se da concepção mecanicista de Descartes e Newton para uma visão holística e ecológica. Essa nova visão de mundo sofreu muitas resistências pelos cientistas no início do século XX. Hoje sofremos porque tentamos aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece.

Portanto, sob a inspiração de Boaventura de Sousa Santos, torna-se necessário repensar as bases racionais da nossa cientificidade. Segundo ele, pode-se identificar três tipos de racionalidade: a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica, bases das ciências exatas; a racionalidade moral-prática da ética e do direito; e a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura. Cada uma delas tem um papel a desempenhar na organização da vida humana e, conseqüentemente na estruturação de um curso de licenciatura que visa a formação de educadores. Por isso, a primeira tem uma correspondência específica com o princípio do mercado, especialmente porque nela se concentram as ciências e a técnica. A ciência tornou-se numa força produtiva, e a técnica numa estratégia de intervenção. A segunda racionalidade liga-se preferencialmente ao princípio do exercício do poder como instância de preservação de valores e de respeito aos direitos individuais e coletivos. A terceira racionalidade articula-se preferentemente com a dinâmica da vida comunitária, lugar onde se estabelecem as identidades pessoais, o exercício da experiência coletiva e o reconhecimento da contemplação estética.

Talvez tenha chegado a hora, sempre segundo Baouventura, de pensar a prioridade da racionalidade moral-prática e da racionalidade estético-expressiva sobre a racionalidade cognitivo-instrumental, o que significaria afirmar, antes de mais nada, que as humanidades e as ciências sociais devem ter precedência na produção e distribuição dos saberes universitários. Isto não implica na marginalização das ciências naturais mas tão-só a recusa da posição dominante que hoje ocupam. A natureza é cada vez mais um fenômeno social e, enquanto tal, cada vez mais importante. Portanto, todo conhecimento natural é também social. (Cf. Pela Mão de Alice e Um discurso sobre as Ciências).

Com isso fica evidente que as propostas de Edgar Morin de estudar a questão do conhecer o conhecer ou, no dizer de Maturana, do observar o observar do observador, devem ser urgentemente levadas a sério pelos cursos acadêmicos.

## **2. Competências técnicas**

À luz do que foi dito, parece que não há outra alternativa senão a de reconhecer que as competências técnicas não podem ficar restritas ao domínio da racionalidade cognitivo-instrumental, isto é, das ciências empíricas, mas buscar subsídios nas outras duas racionalidades, a moral-prática e a estético-expressiva.

## **3. Práticas pedagógicas**

O ponto de partida das práticas pedagógicas deste novo P.P.P da educação física não estaria mais centrado na transmissão de verdades ou conhecimentos prontos, mas na construção do saber. Neste sentido seria muito proveitoso buscar inspiração na teoria pedagogia de Wagenschein aplicada ao ensino da física, e que o professor Landau conseguiu, com muita eficiência, transferir para a educação física.

Para ambos, o processo de ensino/aprendizagem, caso essa dupla de conceitos ainda seja válida, deve partir da apresentação do fenômeno e não mais da solução ou da resposta. Diante do fenômeno, os alunos tentam encontrar a solução ou a explicação. Somente depois, caso seja necessário, busca-se saber o que a ciência diz.

No contexto desta perspectiva é bom citar a seguinte passagem do Prof. Mário Osório Marques: “Não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações estabelecidas em entendimento mútuo e expressas em conceitos, que, por sua vez, são construções históricas, isto é, nunca dadas de vez, mas sempre retomadas por sujeitos em interação e movidos por interesses práticos no mundo em que vivem. Em vez de o professor operar com conceitos que já aprendeu e na forma em que os aprendeu e que agora só necessitariam ser reproduzidos nos e pelos alunos, trata-se, no ensino, de ele e os alunos produzirem, em entendimento comum, os conceitos com que irão operar para entenderem as relações com que lidam. Não se trata de chegar a soluções dadas às questões/problemas, mas de inventar, os conceitos com que irão operar sobre os temas que analisam”.

Cada novo coletivo em que se insere o professor em cada turma de alunos, dele exige se integre num processo vivo e original de construção de conceitos, construção sempre ligada às experiências de que, em comum, participam. (Conhecimento e Modernidade em Reconstrução p. 110).

#### 4. Reflexão filosófica

O espírito desta reflexão filosófica permanente, certamente, pode ser resumido nestas palavras de Maurice Merleau-Ponty: “Aquele que é testemunha de sua própria pesquisa, isto é de sua desordem interior, não pode de forma nenhuma sentir-se herdeiro dos homens realizados, dos quais vemos os nomes inscritos nestas paredes. Se, a mais, ele é filósofo, quer dizer se ele sabe que nada sabe, como poderia ele crer-se capaz de assumir esta cadeira, e como pode ele desejar-la? A resposta a estas questões é muito simples: o que o Colégio de França, desde sua fundação, está encarregado de dar a seus ouvintes, não são verdades adquiridas, mas a idéia de uma pesquisa livre. O que faz o filósofo, é o movimento que reconduz sem cessar do saber à ignorância, da ignorância ao saber, numa espécie de repouso neste movimento. (Éloge de la philosophie p. 9-11)

Santin

Santa Maria, 16 de maio de 2003.